

A RELIGIÃO COMO PRÁXIS LIBERTADORA: DIOCESE DE GOIÁS 1970-1980

SCOLARO, Arcangelo
arcangelos@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A Diocese de Goiás, nos anos 70, teve presente à realidade Latino-americana desta época inspirando o nascimento e o florescimento da teologia da libertação e das comunidades eclesiais de base. É a partir das bases que se tenta resgatar o sentido primitivo do cristianismo e de compromisso com a realidade social. O cristianismo primitivo não é analisado por Gramsci como ‘ópio do povo’. Segundo ele, as religiões são instrumentos que podem ser perfeitamente utilizados pela classe dominante para servir aos seus interesses como também podem servir às classes subalternas na tentativa de construir a hegemonia: “É o que acontece com o catolicismo: ele só se torna “ópio do povo” depois da Contra-Reforma e sobretudo a partir da Revolução Francesa.

“A ideologia religiosa como concepção do mundo das classes subalternas, pode desempenhar – e no passado desempenhou – um papel progressivo fornecendo a estes grupos sociais uma base ideológica para uma ação prática positiva. A religião cristã “pura” desempenhou assim um papel histórico positivo”. (PORTELLI, 1977, p.31).

Nesse período que se analisa, há uma tendência de retorno às raízes do cristianismo onde vai acontecendo um novo modo de ser Igreja. Constata-se que vai nascendo no meio do povo uma Igreja semelhante a dos primeiros cristãos, vivendo os seus problemas, organizando-se com o povo para a solução destes. Esse ensaio de Igreja denominou-se Igreja dos Pobres ou CEBs (Comunidades Eclesiais de Base). Há uma íntima ligação entre o modo de viver a Igreja destas comunidades e

a opção pelos pobres; na verdade, as próprias comunidades se dizem 'a Igreja dos Pobres'.

É característica básica desta configuração eclesial e, sem dúvida, o novo 'lugar social' de onde a Igreja começa a falar, se organizar e agir, ou seja, o mundo dos sub-homens. É a partir do povo e dos pobres que se define sua missão evangelizadora no continente (MATOS, 1984, p. 34).

Há algumas décadas antes Gramsci ao atuar descrevendo o cristianismo, considerava-se 'como' e 'quando' a religião deve ser combatida e 'quando' deve ser considerada como uma aliada no ideal da construção da nova sociedade, ou seja, de uma sociedade igualitária:

Ora, a religião é, no fim de contas, apreciada em função de seu conteúdo e não tanto da atitude prática que ela encerra: o determinismo católico é necessário quando corresponde a um movimento popular, mas deve ser combatido quando leva as classes subalternas à passividade (PORTELLI, 1977 p.32).

No final das contas, Gramsci chega à conclusão de que a religião cumpre uma função e esta função pode vir a ser superada, mas enquanto esta função não for superada, que não seja simplesmente eliminada. "A opinião corrente é a seguinte: não se deve destruir a religião se não houver alguma coisa a colocar no lugar dela na alma dos homens" (GRAMSCI apud Portelli, 1977, p. 32).

Diante disso, Portelli chega à seguinte conclusão: "portanto, a crítica gramsciana da religião está subordinada à apreciação da função histórica de cada ideologia religiosa. A religião será, pois, estudada como forma particular de ideologia". (PORTELLI, 1977, p.33).

Gramsci considera que "as classes populares são ideologicamente conservadoras. O senso comum e a religião popular são tão difíceis de abalar como as classes dirigentes. Toda educação superficial não faria mais do que acrescentar

uma coloração 'marxista' ao senso comum" (PORTELLI, 1977, p.215). É interessante aqui notar que a Igreja da América Latina, na década de 70, faz exatamente uma opção pelas classes populares e consequentemente uma opção pela religiosidade da classe popular. A Teologia da Libertação não é uma idéia que nasce da cabeça de intelectuais; ela nasce, sobretudo, da vida concreta das pessoas e das comunidades. Essa reflexão parte da realidade sofrida e se torna um compromisso de libertação da situação de exploração e opressão em que vivem as classes subalternas. A Teologia da Libertação não parte unicamente do dado da Revelação ou da Tradição: "trata-se de refletir uma ação que se projeta para frente (...) é refletir com vistas a uma ação transformadora do presente". (GUTIÉRREZ, 1975, p. 27). Esse é um método teológico e revolucionário que permite uma aproximação com o marxismo e a profecia. Fazer teologia da libertação é um processo e nesse processo o teólogo necessita, sobretudo, ouvir as angústias, as necessidades e os apelos da realidade. Necessita ouvir os gritos do espoliado que clama por libertação para depois confrontar toda esta realidade com a Palavra de Deus, com a Teologia construída a partir desta palavra. É um processo de conversão. Não é mais imposição, transmissão de uma verdade inquestionável que diz respeito ao sagrado, mas é sim recolher as manifestações de Deus na vida do povo que sofre.

Fazer teologia da libertação é saber ouvir: escutar a voz do 'outro' que, no fundo é o pobre. O europeu deve saber como ouvir a voz do latino-americano, do africano ou do asiático e também voz do europeu pobre, porém em relação com os pobres dos outros mundos (...) A libertação do oprimido europeu só chegará se ele solidarizar-se com a libertação dos oprimidos do terceiro mundo". (DUSSEL, 1985, p. 276).

A Teologia da Libertação é a superação de uma ideologia. É a superação de uma cosmovisão simplesmente religiosa; é reconhecer o homem como sujeito de

sua história; é fazer história, é sentir-se colaborador na construção da história da sociedade e da história da igreja. A teologia da libertação busca, através da força da palavra e da força religiosa e espiritual, a descoberta das possibilidades. As possibilidades referem-se a questões sociais, individuais e isto no dizer de Gramsci é a conquista da liberdade.

Possibilidade quer dizer “liberdade”. A medida da liberdade entra na definição de homem. Que existam as possibilidades objetivas de não se morrer de fome e que, mesmo assim, se morra de fome, é algo importante, ao que parece. Mas a existência das condições objetivas – ou possibilidade, ou liberdade – ainda não é suficiente: é necessário “conhecê-las” e saber utilizá-las. Querer utilizá-las. O homem neste sentido, é vontade concreta: isto é, aplicação efetiva do querer abstrato ou do impulso vital aos meios concretos que realizam esta vontade (GRAMSCI, 1995, p. 47).

Gramsci considera a Igreja como um elemento fundamental para a organização da cultura e, conseqüentemente, para a manutenção de uma determinada ideologia.

As organizações culturais propriamente ditas são a Igreja, a organização escolar e as organizações de imprensa. A Igreja, após ter, sob o bloco histórico precedente, o quase monopólio da sociedade civil (a ideologia religiosa, isto é, a filosofia e a ciência da época”, a escola, a instrução, a moral, a justiça, a assistência, etc.), conservou uma boa parte desse domínio” (PORTELLI, 1977, p. 27).

A Igreja das CEBs e da Teologia da Libertação tem consciência da força que possui e do poder prático e simbólico que está em suas mãos; assim, tenta fazer uso destas condições. Contudo, difundir uma nova ideologia é tarefa mais complicada do que manter uma ideologia. A Diocese de Goiás procurou agir nas organizações; ela como Igreja, influencia na organização escolar e nas tentativas mais acanhadas na área da edição. Segundo Gramsci é preciso,

Anais da Semana de Integração Acadêmica

02 a 06 de setembro de 2013

“trabalhar incessantemente para elevar intelectualmente camadas populares cada vez mais vastas, isto, é para dar uma personalidade ao amorfo elemento de massa, o que significa trabalhar na criação de elites intelectuais de novo tipo que surjam diretamente da massa e que permaneçam em contato com ela para tornarem-se o seu sustentáculo”. (GRAMSCI apud Portelli, 1984 p.206).

Na diocese de Goiás o instrumental utilizado para a formação das massas e das lideranças (intelectuais orgânicos) foi a Bíblia. Segundo Capponi, Dom Tomás Balduino afirmava que “a Bíblia se tornou a Universidade do povo” (Capponi, 1999, p. 20). O que significa isso? Um primeiro aspecto é que os católicos desafiados por um lado pelos evangélicos, que valorizam muito a Bíblia passaram a buscar mais este conhecimento e aqueles que não sabiam ler correram em busca da alfabetização. Este trabalho de educação estava ligado a outra frente de ação chamada “grupos do evangelho”.

Os Grupos de Evangelho tinham a finalidade de reunir o povo para estudar o Evangelho e a partir dele refletir os problemas da vida, deveria ser também um espaço de manifestação da religiosidade do povo, um espaço de espiritualidade. A Diocese e principalmente esses grupos afirmam que sua principal ferramenta é o Evangelho” (Scolaro, 2001, p. 44).

Este era um trabalho de educação das massas, que se fazia de uma forma muito simples e dialogal. Gramsci, preocupado em não transformar o marxismo em uma religião popular e em como formar intelectuais orgânicos responde que “a educação das massas deve ser realista, mas, sobretudo que deve repousar na influência recíproca do “educador” e do “educado”. (Portelli, 1984 p.204). Este trabalho tinha um sentido simbólico muito forte, o de unir o profano e o sagrado. A Bíblia (sagrado) estava sendo entregue nas mãos dos leigos (profano) e ao mesmo tempo ela era confrontada com a realidade da vida (profano). Assim

como a distância entre sagrado e profano se reduzia ia-se reduzindo a distância entre agentes de pastoral e os fiéis, e aí se incluía padres e o próprio bispo. Isto quer dizer, se tornavam iguais em busca de um mesmo ideal.

REFERÊNCIAS

CAPPONI, Francesco. **Tempo de graça**. Manuscrito. Itaberaí, 1999.

DUSSEL, Henrique. **Caminhos de Libertação Latino-Americana**. Reflexões para uma teologia da libertação vol. IV. São Paulo, Paulinas, 1985.

GARAUDY, Roger. **A “Base” no marxismo e no cristianismo**. In: Concilium/104, Petrópolis, Vozes, 1975/4, p. 50-60.

GRAMSCI, Antônio. **Os Intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968a.

_____. **A Concepção Dialética da História**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, X ed., 1995.

_____. Maquiavel, a política e o Estado moderno. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968b.

GUTIÉRREZ, Gustavo. **Teologia da Libertação**. Petrópolis, Vozes, 1975.

MATOS, Henrique Cristiano José. **CEBs, uma interpelação para o ser cristão hoje**. São Paulo, Paulinas, 1984.

PORTELLI, Hugues. **Gramsci e a questão religiosa**. Trad. Luís João Gaio. São Paulo. II ed. Paulinas, 1984.

_____. Gramsci e o bloco histórico. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.

SCOLARO, Arcangelo. Profecia e diálogo: Diocese de Goiás 1967-1998. Dissertação de mestrado. Goiânia: UCG, 2001.